

Apresentação do Dossiê 28

"Hip-Hop no Brasil: a produção de sentidos e as transformações da cultura"

William de Goes Ribeiro¹

Flávio Soares Alves²

Rosenverck Estrela Santos³

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i28.67366>

Esse dossiê temático se alia ao movimento global de comemoração dos 50 anos do Hip-Hop, marco histórico alcançado em 2023. Trata-se, portanto, de um necessário tributo a essa manifestação que há mais de meio século tem transformado a experiência dos jovens e demais sujeitos, de diferentes gerações, em distintas regiões do país, incluindo cidades, aldeias e outras comunidades, oportunizando uma produção de

sentidos mais significativa para seus adeptos.

A ideia é que, muito mais do que um dossiê, trata-se aqui de uma festa, ou melhor, de um festival de textos que gravitam ao redor das diferentes expressões do Hip-Hop em território nacional, sem esperar encerrar o debate ou produzir qualquer pretensão de totalidade de possibilidades. Assim, enquanto festa, esse dossiê assume uma tripla função:

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto na Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando nos cursos de graduação em Pedagogia e Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT/UFF). E-mail: williamgribeiro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3940-7492>.

² Doutor em Educação Física e Esporte (USP). Professor Assistente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. E-mail: flavio.alves@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1698-6535>.

³ Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Afro-brasileiros da Universidade Federal do Maranhão (PPGAFRO/UFMA). E-mail: re.santos@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7112-2705>.

1. Oportunizar a aproximação de diferentes autores e pesquisadores brasileiros, que têm em comum a paixão pelo Hip-Hop como área de interesse no campo da produção acadêmico-científico.
2. Celebrar a face produtiva do Hip-Hop, isto é, a face que expõe esse movimento como um potente significante das populações periféricas que encontram no Hip-Hop uma fonte inesgotável de produção de sentidos.
3. Resistir e (re) existir, dentro de um domínio de produção de conhecimentos acadêmico-científicos que ainda reserva pouco espaço para a difusão desta cultura. E isso, por si só, já é uma conquista que merece comemoração e que, em última análise, nos instiga à festa!

E por falar em festa, talvez seja oportuno lembrar que tudo começou com uma! Referimo-nos aqui àquela lendária festa de rua (*Block party*), organizada pelo DJ Kool Herc e por sua

irmã, Cindy Campbell, em 11 de agosto de 1973, no bairro do Bronx, em Nova York. O que poderia ter sido apenas mais uma festa, dentre outras tantas, trouxe um diferencial que mudou a experiência das comunidades periféricas. Em um mesmo evento se viu, pela primeira vez, o encontro de múltiplas linguagens artísticas: o *break*, o rap, a música e o grafite.

Desviando da ideia de origem, ressaltamos que essas diferentes expressões artísticas já existiam enquanto prática social das populações periféricas, no entanto, com essa união oportunizada pelas festas de rua, o que antes eram apenas construtos culturais mais ou menos distintos, ganham uma dimensão atual, marcada pela hibridização que ampliou sobremaneira o campo de produção de sentidos, sobretudo da juventude periférica.

Unindo negros norte-americanos, imigrantes porto-riquenhos, cubanos, jamaicanos e muitos outros moradores das periferias de Nova York, o Hip-Hop não pode ser entendido a partir de essencialismos, mas como parte da produção cultural diáspórica africana que envolve imigração, descolocamentos, territorialização, inspirações, fluxo e

conexões entre diversos territórios do Atlântico Negro (Gilroy, 2012).

Como nos informou Manuel Castells (2006, p.76):

O rap, e não o jazz é o produto dessa nova cultura, que também expressa uma identidade, também está fundada na história negra e na longa tradição norte-americana de racismo e opressão social, no entanto, incorpora novos elementos: a polícia e o sistema penal como instituições centrais, a economia do crime como o chão de fábrica, as escolas como área de conflito, as igrejas como redutos de conciliação, famílias madrecêntricas, ambientes depauperados, organização social baseada em gangues, uso de violência como meio de vida. São esses os novos temas da nova arte e literatura negra nascidos da nova experiência do gueto.

O Hip-Hop transformou-se numa referência de resistência, alternativa de lazer e expressão artística crítica de uma parte considerável da juventude norte-americana e, a partir de filmes, músicas, discos, moda, revistas, foi chegando em outros países e tomando conta da forma de fazer arte, se vestir e se comportar, sobretudo, de dos jovens que viviam em áreas de desigualdade social e racial.

A reunião destes elementos foi tão potente para aquela comunidade que se disseminou para outras, de

modo que, com o tempo, o Hip-Hop foi se tornando uma referência ética, estética, política, cultural e educacional das populações periféricas ao redor de todo o planeta, na medida em que oferecia (e continua oferecendo) um campo de produção de sentidos mais intenso e afirmativo, mobilizado não só a despeito das forças de interdição, que submetem os sujeitos periféricos à lógica do capital, mas também, e principalmente, na expressão singular das forças de criação e resistência, que dão vez e voz ao potencial de ação destes jovens (e outros sujeitos de gerações variadas do movimento), na constituição de seus processos de subjetivação.

Na esteira desta ideia, que coloca o Hip-Hop em um horizonte de alcance que toca dimensões éticas, estéticas e existenciais, não demorou muito para que essa manifestação se esgueirasse para todas as esferas sociais, inclusive a científica. Em pleno ano de 2025, já é possível encontrar o Hip-Hop em diversas áreas de estudos, tais como: Ciências Sociais, Educação, Sociologia, Antropologia, História, dentre outras.

Cabe salientar, no entanto, que já não é recente essa movimentação de

estudos acadêmicos acerca do Hip-Hop no cenário nacional. Os primeiros materiais bibliográficos produzidos no Brasil envolvendo o assunto datam da segunda metade da década de 1980, quando encontramos, por exemplo, a dissertação de mestrado de Hermano Vianna, intitulada "O Baile Funk Carioca", defendida em 1987 no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A referida dissertação deu origem ao livro intitulado "O Mundo Funk Carioca", que teve sua primeira edição publicada em 1988. Embora essa obra não trate exatamente do Hip-Hop, já que explora especificamente o universo dos bailes Funk das periferias do Rio de Janeiro, ela ajudou a aguçar o interesse da comunidade universitária sobre as manifestações da juventude periférica até então invisibilizadas no campo da produção acadêmico-científica brasileira.

Um dos primeiros trabalhos acadêmicos que exploraram mais detidamente o Hip-Hop no contexto nacional, foi a tese de doutorado do historiador Micael Herschmann, intitulada "Invadindo a cena urbana dos anos 1990 – Funk e Hip-Hop", que foi

defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Posteriormente, a referida tese ganhou uma versão em livro, intitulado "O Funk e o Hip-Hop invadem a cena", cuja primeira edição data dos anos 2000. É importante lembrar que esse referido livro foi indicado como finalista do Prêmio Jabuti, em 2001, na categoria Ciências Humanas e Educação, o que revela, no mínimo, a excelência e o pioneirismo da obra na promoção e difusão desta cultura urbana no âmbito da produção de conhecimentos dentro da universidade.

Dentro deste espectro de produções bibliográficas sobre do Hip-Hop no Brasil, não poderíamos deixar de lembrar também da publicação organizada por Elaine Nunes de Andrade, intitulada "Rap e educação, Rap é educação", em 1999, que foi uma referência bastante significativa, haja vista que abriu portas para pensar e destacar o Hip-Hop como um importante significante no âmbito educacional, chamando a atenção da comunidade escolar, particularmente dos professores, a respeito da

relevância desta cultura na promoção do trabalho educativo.

Em meio a outras produções sobre o tema produzidas dentro e fora do Brasil, destacamos o livro do pesquisador norte-americano Marc Hill, intitulado "Batidas, rimas e vida escolar" (2014). Tal obra inspirou o debate sobre o que Hill chamou de "Pedagogia Hip-Hop", conceito bastante discutido pela comunidade acadêmica brasileira na reflexão e inserção do Hip-Hop nas escolas. Outra contribuição importante de Hill foi sua visão etnográfica, sobre o Hip-Hop, desenvolvida a partir de uma disciplina escolar intitulada "Literatura Hip-Hop". A proposta salientou questões e dilemas naquele país, ao passo que expôs motivações e experiências, semelhantes e diversas, do que poderíamos chamar de "nossas".

A partir dos diversos trabalhos acadêmicos que surgiram foi possível, por meio das Ciências Humanas, perceber que a cultura Hip-Hop se faz atual no cotidiano de jovens pobres e negros, possibilitando dialogar com suas formas de captar, aprender, conceber e interpretar a realidade, redimensionando valores, projetos, referenciais históricos, símbolos,

identidades diáspóricas. Assim, ocupa espaços urbanos e públicos, enfrentando as perseguições de um contexto político e social ainda com forte presença do autoritarismo da ditadura civil-militar e da presença sempre marcante do racismo. Alguns autores e autoras nos ajudaram a compreender esse fenômeno em fins dos anos 1990 e começo do século XXI.

Silva (1998), por exemplo, percebeu que o Hip-Hop era um referencial dos comportamentos e práticas dos jovens de periferia, buscando valorizar suas identidades, no contexto de cidades violentas, desiguais e cada vez mais hostis aos moradores pobres. Já Andrade (1999), caracterizou a dimensão pedagógica do Hip-Hop na constituição de formas de aprender e de ensinar dos jovens que faziam parte dessa manifestação. Tella (2000), Guasco (2001) e Silva, F. (2006) nos caracterizaram a importância dessa manifestação cultural na construção da identidade negra e de uma interpretação crítica do cotidiano periférico e da história. Cunha Jr (2003) percebeu a constituição de um movimento negro-juvenil. Herschmann (1997), Rose (1997), Martins (2005) e Silva, L. (2006)

entenderam o movimento Hip-Hop como uma manifestação de resistência que se proliferou e dialogou contraditoriamente com a produção cultural em contexto de mundialização. Félix (2005), Herschmann (2000) e Shusterman (2006) corroboraram com a ideia de reciprocidade entre cultura e política na gênese do Hip-Hop e de seu emprego pela juventude negra e pobre como um aspecto da resistência e construção de valores positivos e auto-affirmativos.

Destes levantes bibliográficos supracitados, muitos outros surgiram ao longo das duas primeiras décadas nos anos 2000, e outras tantas obras estão vindo, ou ainda estão por vir, o que mostra o Hip-Hop também como potente significante que circula no universo acadêmico. De certa forma, a apresentação deste dossiê temático afirma essa potência, principalmente porque acolheu contribuições de autores de todo o território nacional, o que já é motivo suficiente para celebrar! Além disso, importa destacar que muitos dos artigos presentes no dossiê são de pesquisadores e pesquisadoras que se formaram, foram ou ainda pertencem ao movimento Hip-Hop, destacando, portanto, o agenciamento

e a produção de conhecimento oriundo dos próprios integrantes do movimento. É um conhecimento produzido de dentro do movimento, a despeito da negociação de sentidos, que em diálogo com outros pesquisadores, as diversas teorias sociais e a universidade, nos enriquecem no entendimento dessa manifestação cultural e política tão importante na contemporaneidade que é o Hip-Hop.

E é neste tom de celebração e produção de saber diaspórico africano, hibridizado como prática de significação e agência, que esse dossiê aqui se principia. Sua concepção foi idealizada por William Goes Ribeiro, cuja trajetória de vida se encontra com o Hip-hop, seja como adepto ou pesquisador. A ideia de um dossiê específico parte do reconhecimento de uma dívida pessoal, mas igualmente do entendimento de que se trata de uma cultura potente que conquista sujeitos de maneira global-local. Os estudos do mencionado pesquisador mobilizam a ideia de que o contexto precisa ser considerado radicalmente, o que também é um mobilizador desta proposta, a qual convoca pesquisadores de diversas partes do país a contribuir.

Na intenção de fazer da organização deste dossiê um trabalho coletivo e colaborativo, que ampliasse o alcance desta iniciativa no âmbito da produção de conhecimentos científico-acadêmicos, os professores Flávio Soares Alves e Rosenverck Estrela Santos foram chamados a integrar o quadro geral de organizadores, completando a tríade que se responsabilizou pela elaboração desta presente obra. Os pontos de intersecção que aproximam esses três organizadores são suas experiências artísticas e pessoais com o Hip-Hop, mas também interesses acadêmicos e interdisciplinaridades que daí reverberam.

O resultado do esforço coletivo e colaborativo se apresenta aqui, neste encarte, que contém 12 artigos especialmente selecionados para compor essa edição. Os vários artigos em nosso dossiê representam uma diversidade importante do Hip-Hop brasileiro que os leitores poderão conhecer. Para além dessa pluralidade, há também caminhos históricos semelhantes, conexões e vínculos parecidos. Na dialética da pluralidade e semelhança, o Hip-Hop nacional traz

contribuições valiosas para a nossa arte, cultura, política e estética.

Dentre essas muitas formas semelhantes de se fazer Hip-Hop no Brasil encontramos as batalhas de rima. A maioria das cidades brasileiras na atualidade conhece essas formas estéticas e políticas de se produzir Hip-Hop. No texto "*A experiência delas no Hip-Hop: uma leitura sobre comunicação e resistência na Batalha do Som*", de Thífani Postali e Giovanna Hellen Meira Silva, podemos conhecer "a batalha do som" no município de Sorocaba-SP e, especialmente, a presença e a participação feminina nessa manifestação. Utilizando a teoria da *folkcomunicação*, as autoras destacam o machismo ainda insistente nas atividades do movimento Hip-Hop, porém, sem perder de vista o agenciamento e protagonismo das mulheres que se constroem enquanto sujeitos de resistência.

Já o artigo "*As Batalhas de Rimas como ferramenta na Gestão Participativa Urbana: um caso em Campos dos Goytacazes/RJ*", de Carla Aparecida da Silva Ribeiro, Aline Couto da Costa e Simonne Teixeira, trata das batalhas de rima de Campos dos Goytacazes-RJ, discutindo processos

de gestão participativa e ocupação urbana da juventude negra e periférica.

Outra batalha de rima que se apresenta em nosso dossiê é a do Parque Cimba, em Araguaína-TO. Leomar Alves de Sousa e Eliane Cristina Testa buscam entender, a partir do texto intitulado "*As batalhas de rimas improvisadas do movimento Hip-Hop no Parque Cimba, em Araguaína-TO: práticas de letramento de reexistência da juventude periférica*", as práticas de letramento e a reexistência da juventude periférica.

Não somente as batalhas de rima tiveram espaço em nossa revista. O *slam* também apareceu com suas rimas potentes e críticas. O artigo de João Otávio Almeida e Lara Brum de Calais, "*Slam Xamego: amor como resistência no Hip-Hop do Espírito Santo*", nos informa que o *slam* é uma das vertentes da cultura Hip-Hop mais praticadas na atualidade e o referido texto nos diz como é que os jovens negros e periféricos utilizando a linguagem do amor, conseguem construir caminhos de resistência estética e política. Essa resistência estética e política é também analisada no texto de Róbson Peres da Rocha e Enio Passiani, intitulado "*O Hip-Hop na*

linha do tiro: Rap noventista e a denúncia estética da necropolítica", que, além de analisar a década de 1990 com os índices alarmantes de violência e a inserção profunda do Brasil no modelo neoliberal de economia, nos traz um conhecimento importante sobre a denúncia que o *rap* elabora desse momento histórico e da necropolítica aplicada no Brasil contra a juventude negra e periférica. O *rap*, nesse contexto, constituiu um poderoso veículo de crítica e conscientização sobre diversos temas como periferia, raça, classe, gênero e território.

Nessa denúncia que o *rap* realiza, emergem no cenário musical dezenas, centenas e milhares de artistas sendo porta-vozes dessas críticas e dessas produções de sentido. Dentre esses, mais famosos ou não, no nosso dossiê, destacam-se Racionais MC's (SP), Djonga (MG) e Preta Lú (MA), mostrando como o Hip-Hop se enraizou e se difundiu de Norte a Sul do país. O texto de Lucas dos Anjos e José Roberto Rodrigues, "*Racionais Mc's e a liberdade de expressão: um Raio X do Brasil e a exposição da Colonialidade*", nos brinda com informações e análises acerca do principal grupo de *rap* do Brasil: Racionais Mc's. A partir do

clássico LP “Raio X do Brasil” e do debate em torno da colonialidade, os autores, além de caracterizarem os violentos e desiguais anos 1990, nos apresentam os Racionais como o grupo que resistiu e denunciou todo esse contexto, incorporando a periferia, a juventude negra e um discurso polílico potente do agenciamento negro. O referido álbum, portanto, apresentou um Brasil nada harmônico e pacífico para a juventude negra e periférica com os efeitos ainda marcantes da colonialidade do capitalismo e do racismo.

Já o artigo “(Re)construção do ethos e da identidade negra em duas canções do álbum Ladrão, de Djonga” de Leandro Moura e Benedicto Roberto Alves Carlos faz uma análise da obra de um dos mais conhecimentos rappers do Brasil, o mineiro Djonga e mostra como é que o artista, a partir de suas letras e técnicas argumentativas, descontrói e constrói novas imagens sobre a população negra, diferente das já tão usuais formas de perceber o negro como “ladrão” e “violento”. No texto de Antônio Ailton Penha Ribeiro e Victor de Oliveira Pinto Coelho, “Rimas de resistência: ideias políticas no rap de Preta Lu”, a artista em destaque é Preta

Lu, uma rapper de São Luís do Maranhão que produziu o EP “Rainhas Rebeladas”, articulando denúncias ao racismo, machismo, desigualdades sociais e discutindo a presença da mulher negra na história. Esse texto é interessante, também, por apresentar o rap como fonte e documento histórico, para além de seu caráter musical.

Nos múltiplos caminhos do Hip-Hop no Brasil, o texto de Gabriela Costa Lima e Gustavo Rossi, intitulado “O Nordeste que você não viu”: notas sobre Hip-Hop, axé-music e identidades juvenis em meio a antinegritude da Capital Afro”, nos apresenta como o Hip-Hop baiano teve que relacionar-se com o axé-music, em seu momento de hegemonia musical e discursiva. Em tal relação, estão incorporadas análises sobre cultura e identidade juvenis, religiões de matriz africana e estética soteropolitana. Um convite ao entendimento da pluralidade do Hip-Hop em nosso país.

Já o artigo “A gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro, diversão e arte” - possibilidades de uma economia criativa alternativa a partir das experiências do movimento Hip-Hop em Florianópolis” de Alice Franz e Eloise Livramento Dellagnelo, nos

apresenta a cultura Hip-Hop de Florianópolis e como ela é importante na constituição de uma economia criativa.

Ainda nas trilhas da pluralidade, o artigo *"Gritos na margem: a revolta discursiva presente no Hip-Hop e a imaginação política como farol"* de Renan da Silva Palácios e Jenniffer Simpson dos Santos aborda o movimento Hip-Hop na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. No texto, os autores, além de discutirem as categorias de "imaginação política" e "revolta discursiva" trazem a análise de uma linguagem que, também, tem sido muito utilizada como ferramenta de análise e divulgação da cultura Hip-Hop: o documentário.

Nas ondas audiovisuais do documentário, o trabalho *"Entre o biográfico e o coletivo: fabulações em torno do Hip-Hop no Documentário AmarElo: é tudo pra ontem"* dos autores Caio Barbosa e Rosane Sampaio faz uma imersão em diálogo com o rapper Emicida. Buscando articular o coletivo e o biográfico, esse documentário, conforme expressam os autores, fez emergir as matrizes negras da cultura brasileira e do Hip-Hop. O dossiê se encerra com a entrevista intitulada

"Sobre continuidades e descontinuidades na cultura Hip-Hop: o caso de Moçambique", envolvendo William de Goes Ribeiro, Laís Volpe Martins e Nelson/Simba Sitói. O texto expõe uma entrevista remota, transcrita e editada, com Simba Sitói (artista de Hip-Hop em Moçambique), realizada em 20 de junho de 2024. Trata-se de um dos artistas mais influentes daquele país, atuante na cultura Hip-Hop, como rapper e produtor cultural. É idealizador de importantes eventos ligados ao tema, o que inclui o protagonismo do jovem artista no Festival de Hip-Hop Amor A Camisola. O trabalho explicita elementos e questões pertinentes para o estudo, aponta para o curso de continuidades e de descontinuidades de uma cultura globalizada, negociada e ressignificada localmente. Ajuda-nos, portanto, o que justifica a inclusão da entrevista neste dossiê, a reforçar o nosso argumento em torno do processo complexo e dinâmico da referida cultura

Em seu conjunto geral, este dossiê se preocupou em reunir artigos que aproximassem o campo da cultura e da territorialidade dos múltiplos olhares que envolvem o significante Hip-Hop. Assim, cuidando para não fechar o enquadre discursivo em um

único referencial teórico, este dossiê se abriu às diversas propostas, acolhendo a heterogeneidade, que instiga à verificação de um Hip-Hop sempre outro, jamais plenamente objetificado e conhecido. Neste sentido, os textos selecionados deram vazão às abordagens multi/interculturais, cuidando para evidenciar um campo em aberto constituído em torno de leituras de/des/pós/contra coloniais, dentre outras.

Lembrando a obra "Batidas, rimas e vida escolar" (2014), de Marc Hill, já aqui citada, não pretendemos buscar receitas para qualquer área de atuação e estudo, tampouco fórmulas para lidar com "jovens problemas". Diferentemente, os textos aqui apresentados expuseram, cada um a seu modo, a falênciam de concepções pedagógicas e políticas planejadas de antemão, as quais ignoram o contexto e as relações cotidianas imprevisíveis e imponderáveis.

Assim, reconhecemos o panorama transnacional e transcultural do Hip-Hop, envolvendo territorialidade e desterritorialidades, contendo hibridismo, fluidez, mudanças, misturas e pluralidades na forma de se produzir rap, break e grafite, nas diversas partes

do mundo e do território brasileiro, de Norte a Sul. É, portanto, a forma que aderimos para se entender o Hip-Hop, longe de essencialismo, homogeneidade e certezas inabaláveis. Como diz Rose (2021, p.37): "O rap e a cultura hip-hop são formas culturais, políticas e comerciais e, para muitos jovens, são as principais janelas culturais, sonoras e linguísticas no mundo".

No conjunto geral das reflexões presentes nesse dossiê, com uma tendência de enfoque no rap, é possível notar que os textos oportunizaram a ampliação de um diálogo interdisciplinar com a cultura Hip-Hop em todo território nacional, possibilitando a discussão de alternativas a respeito de demandas sociais específicas, histórica e socialmente situadas, o que permitiu focar nas produções de sentido constituídas e em suas relações com as lutas históricas das populações periféricas, com uma preocupação mais acentuada com as comunidades negras e indígenas no Brasil. Porém, além de admitirmos que não recebemos uma diversificação de textos interdisciplinares ligados aos elementos mais diversos da cultura

Hip-Hop, salientamos que o tema indígena não emergiu nesta proposta. A despeito disso, cumpre salientar que desde os anos 2010 se intensifica um movimento de pesquisas que buscam dar visibilidade à indigenização do rap no Brasil, segundo estudos realizados por um de nós (Ribeiro,2020; Ribeiro,2021).

Na esteira desta ideia mais plural e contextual da cultura, os textos apresentaram pistas potentes para a compreensão das formas como os adeptos do Hip-Hop significam essa cultura, e como essa significação reverbera para seus modos de viver, pensar e produzir conhecimento. Nesta direção, as reflexões suscitadas deram indícios sobre os processos de subjetivação, sobre os sentimentos de pertencimento, as territorialidades e as condições de vida. Destacamos ainda a articulação dessa cultura com os processos de identificação da população negra - e mais recentemente indígena, com o potencial que o Hip-Hop tem demonstrado na composição de leituras críticas da realidade, especialmente, envolvendo processos de subjetivação juvenil.

Em diversas áreas e sob perspectivas as mais distintas, os

textos presentes nesse dossiê também nos convidam a pensar que as produções acadêmicas e a vida cotidiana se hibridizam, mas também se desencontram, instigando-nos, sempre uma vez mais, à escuta, à experiência e, por fim, à escrita, em um sentir-pensar-agir permanentes, que tocam a diferenciação dos sentidos. Isso porque os sentidos não se esgotam em uma única obra, mas se atualizam constantemente a cada novo encontro com o Hip-Hop. Nesta proposta, essa manifestação se reedita permanentemente como força de criação e resistência, a partir de uma população potente e inquieta que ousa reexistir, em meio a conflitos sociais, raciais, de gênero, interseccionais e outros, promovendo uma política, sustentando subjetividades, produzindo sentidos.

No caso do Brasil, a referida cultura, na heterogeneidade e hibridização, permanece viva em uma dinâmica singular, em virtude de ressignificações e de criativas produções, tornando o Hip-Hop cada vez mais "plural" e mobilizado pelo "local". Os estudos de Ricardo Teperman (2015) com o rap no país são um exemplo do exposto. Através do

livro "Se liga no som" explicita um *rap* que é regional, *queer*, feminista, indígena e muito mais. Por sua vez, não é de hoje que o grafite ganha as galerias e ocupa muros em escolas e espaços além das paredes e trens norte-americanos, a dança de rua que há décadas invadiu as academias de ginástica, com o *break* hoje se aproximou do "esporte", prova disso foi sua recente inclusão na última edição das Olimpíadas, realizada em Paris, em 2024.

Em suma, desejamos que esta festa tenha provocado o público leitor desta revista, interpelando-o através do convite para entrar na roda, tecer suas rimas ou mesmo trocar ideias dentro-fora da academia a respeito do Hip-Hop. Agradecemos a cada pesquisador que dedicou suas escritas e nos encaminhou os seus estudos, confiando a nós uma avaliação. O que interessa é a rede que estamos ampliando, as propostas em curso e o destaque para o Hip-Hop enquanto uma potência global que se ressignifica localmente com toda a sua força.

Referências

ANDRADE, Elaine Nunes. Rap, memória e identidade. In: ANDRADE,

Elaine Nunes (org.). *Rap e educação, Rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

FÉLIX, João Batista de Jesus. *HIP HOP: cultura e política no contexto paulistano*. Tese (Doutorado em Antropologia social) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2012.

GUASCO, Pedro Paulo M. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

HERSCHMANN, Micael. Na trilha do Brasil contemporâneo. In: HERSCHEMANN, Micael. (org.). *Abalando os anos 90: funk e Hip Hop, globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2000.

HILL, Marc Lamont. *Batidas, rimas e vida escolar – pedagogia hip hop e as políticas de identidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, Rosana. *Hip Hop: o estilo que ninguém segura*. São Paulo: Prima Linea, 2005.

QUEIROZ, Christina. Hip-Hop começa a se consolidar como campo de estudos acadêmicos. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, p. 76-81, dez.

2023. Disponível em:
<https://revistapesquisa.fapesp.br/hip-hop-comeca-a-se-consolidar-como-campo-de-estudos-academicos/>. Acesso em 03 mar. 2025.

RIBEIRO, William de Goes. Sobre e com a indigenização do Hip Hop no Brasil. *Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens da Universidade do Estado da Bahia* – UNEB. Salvador, v.2, n.4, p. 1- 861, jul/dez, 2021.

RIBEIRO, William de Goes. Xe Rohenoi Eju Orendive: rimas, rappers e hibridização cultural de povos indígenas no Brasil. *#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, Canoas, v. 9, n. 2, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35819/tear.v9.n2.a45> 15.

ROSE, Tricia. *Barulho Preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SHUSTERMAN, Richard. Estética rap: violência e arte de ficar na real. In: DARBY, Derrik; SHELBY, Tommie. *Hip Hop e filosofia: da rima à razão*. São Paulo: Madras, 2006.

SILVA, Antonio Leandro da. *Música rap: narrativa dos jovens da periferia de Teresina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2006.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1998.

SILVA, Luciane Soares da. *O rap – um movimento cultural global?* Goiânia: FCHF/UFG, 2006.

TELLA, Marco Aurélio Paz. *Atitude, Arte, Cultura e autoconhecimento: o rap como voz da periferia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2000.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som. As transformações do rap no Brasil*. São Paulo, Claro Enigma, 2015.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.